



A REPETIÇÃO DE UMA SINGULARIDADE: FENOMENOLOGIA DO DÉJÀ VU

*The Repetition of a Singularity: Phenomenology of Déjà Vu**

Stefano Micali
(Katholieke Univesiteit Leuven)

Resumo: A fenomenologia tem como objetivo analisar os momentos constitutivos de diferentes experiências, fazendo justiça às suas formas específicas de aparecimento. Ao fazer isso, ela pode tornar visíveis (e, portanto, corrigir) as suposições problemáticas consideradas válidas desde o início. Estas suposições distorcem e manipulam coerentemente os fenômenos de tal forma que os fenômenos são transformados em algo radicalmente diferente. O fenômeno do déjà vu é muito interessante, nesse sentido, por duas diferentes razões. O déjà vu é transformado em um fenômeno diferente no campo da ciência cognitiva: o déjà vu é comumente entendido como um simples erro de memória. Em segundo lugar, o déjà vu implica a repetição de uma experiência única e contingente. Essa lógica de repetição não é facilmente compatível com o logos das ciências empíricas, que se concentra na identificação de relações invariantes entre termos gerais por meio de pesquisa experimental e, portanto, exige uma abordagem diferente. **Palavras-chave:** filosofia contemporânea, fenomenologia, ciências cognitivas, déjà vu, repetição.

Abstract: Phenomenology aims at analyzing the constitutive moments of the different experiences by doing justice to their specific ways of appearing. By doing so, it can make visible (and therefore correct) the problematic assumptions taken as valid from the outset. These assumptions coherently distort and manipulate the phenomena in such a way that the phenomena are transformed into something radically different. The phenomenon of déjà vu is very interesting in this regard for two different reasons. Déjà vu is transformed into a different phenomenon in the field of cognitive sciences: déjà-vu is commonly understood as a simple memory error. Secondly, déjà vu implies a repetition of a unique, contingent experience. This logic of repetition is not easily compatible with the logos of empirical sciences that focus on the identification of invariant relations between general terms through experimental research and therefore requires a different approach.

Keywords: contemporary philosophy, phenomenology, cognitive sciences, déjà vu, repetition.

I – Observações Preliminares

“Aqueles que preferem o positivismo vivem pobremente, aqueles que se afastam dele vivem perigosamente”¹ (Blumenberg, 2006, p. 54). A frase de Hans Blumenberg lança luz, brilhantemente, em um aspecto importante da complexa relação entre uma atitude positivista, influenciada pelas ciências empíricas, e uma abordagem filosófica, especialmente se esta for realizada em termos fenomenológicos. Ambas as atitudes implicam riscos. A fim de descrever fielmente o sentido vivido da experiência, a atitude fenomenológica é inclinada a tornar explícitos esses aspectos dos fenômenos que habitualmente permanecem ocultos. Dessa forma, ela pode provocar grande perplexidade. A descrição de Husserl do objeto perceptual como uma *infinidade* aberta de *adumbramentos* [adumbrations] contínuos pode facilmente gerar resistência. Em outras palavras, a fenomenologia está exposta ao perigo de se desviar do senso comum para permanecer fiel às formas de aparecimento dos fenômenos.

Uma atitude positivista implica em um tipo diferente de perigo. Nesta atitude, estamos ainda mais fortemente ancorados no senso comum.² Nossa posição no cosmos torna-se mais estável e segura. No entanto, essa atitude acarreta o risco de não se fazer justiça à profundidade de nossa experiência em sua plenitude: as anomalias que não se encaixam no paradigma preestabelecido da racionalidade que domina nosso mundo da vida tecnológico são sistemati-

1 “Wer den Positivismus bevorzugt, lebt ärmlich, wer sich von ihm entfemt, lebt gefährlich” (Blumenberg, 2006, p. 54).

2 É claro que não é fácil definir uma atitude positivista em termos estritos. A atitude positivista poderia ser vista como a internalização da perspectiva geral da ciência normal [ordinary science] no sentido de Kuhn (1962).

* O artigo foi publicado originalmente pelo autor sob o título “The Repetition of a Singularity: Phenomenology of Déjà Vu” em *Philosophy Today*, Vol. 62, nº 3, 2018, p. 987-1007. Tradução de Fabio Caprio Leite de Castro (PUCRS)



camente negligenciadas e ignoradas, mesmo que nos digam respeito de forma profunda. Essas anomalias são reduzidas a fenômenos marginais ou, até mesmo, são marcadas como meras ilusões. Elas são consideradas como desvios menores e sem sentido de uma regra geral e inexorável. Secretamente, as anormalidades da consciência podem inquietar-nos. Podemos, até mesmo, viver de má-fé. Porém, a sua verbalização exige custos psíquicos significativos. Dessa forma, elas permanecem não expressas como fatos privados que estamos quase instintivamente acostumados a evitar, reprimir ou negar.

É apropriado acrescentar aqui uma consideração à frase de Blumenberg que citamos inicialmente. Esta frase pressupõe uma hipótese precisa a respeito do relacionamento entre a ciência e a filosofia. A filosofia tradicionalmente alimenta a ambição de ser o juiz soberano das ciências ou, ao menos, de agir como um observador imparcial e panóptico superior às disciplinas individuais. Essas ambições fracassaram miseravelmente com o tempo. O fracasso tornou-se tão evidente que foram elaboradas categorias sarcásticas, como a noção de Odo Marquard de “Competência na Compensação da Incompetência” (*Inkompetenzkompensationskompetenz*): A filosofia não tem hoje nenhum campo específico de pesquisa (Marquard, 1981). Não há nenhuma área atribuída exclusivamente à sua competência. Portanto, a única jurisdição remanescente dentro da filosofia é encobrir sua própria incompetência.

Contudo, ainda há, de acordo com Blumenberg, um espaço (limitado) para a filosofia. A filosofia tem a tarefa de esclarecer os espaços em branco dentro das diferentes ciências. A filosofia deveria estudar o que é deixado de lado por razões metodológicas pelas disciplinas individuais: “A filosofia não tem sua função antes das ciências ou dentro das ciências ou acima das ciências; eu consideraria mais aceitável localizar a filosofia depois das ciências”³ (Blumenberg, 2006, p. 91). A filosofia necessita começar com um conhecimento preciso daquilo que o paradigma científico é incapaz de explicar, de acordo com seus próprios pressupostos. A filosofia necessita reconhecer o que vai além de um determinado paradigma científico, concentrando-se na falta de conhecimento implícita em sua metodologia específica.

Embora sedutora, uma tal concepção de filosofia, a meu ver, não pode ser considerada exaustiva. Ela não faz justiça ao caráter criativo e, em muitos aspectos, autárquico da filosofia, conforme demonstrado, entre outros, por Deleuze e Guattari em *O que é Filosofia?*: Filosofia é, principalmente, uma criação de conceitos. Não é minha intenção discutir em detalhes, aqui, esta alternativa entre diferentes possibilidades de fazer filosofia hoje. Limito-me à seguinte observação: Embora eu considere a noção de filosofia desenvolvida em *O que é Filosofia?* de Deleuze e Guattari mais convincente desde um ponto de vista sistemático, parece-me proveitoso seguir a abordagem de Blumenberg na presente investigação sobre o *déjà vu*, a fim de mostrar, concretamente, como uma investigação fenomenológica pode oferecer uma contribuição para a compreensão de um fenômeno que escapa à lógica interna da disciplina. A fenomenologia tem como objetivo analisar os momentos constitutivos de diferentes experiências, fazendo justiça à sua forma específica de aparecer. Ao fazer isso, ela pode tornar visíveis (e, portanto, corrigir) as suposições problemáticas consideradas válidas desde o início. Estas suposições distorcem e manipulam os fenômenos de forma coerente, de modo que os fenômenos são transformados em algo radicalmente diferente.

O fenômeno do *déjà vu* é muito interessante, nesse sentido, por duas diferentes razões. Como veremos, o *déjà vu* é transformado em outro fenômeno no campo das ciências cognitivas: ele é comumente entendido como um simples erro de memória.⁴ Em segundo lugar, o *déjà vu* implica a repetição de uma experiência única e contingente. Essa lógica de repetição não é facilmente compatível com o *logos* das ciências empíricas que se concentram na identificação de relações invariantes entre termos (gerais) por meio de pesquisa experimental e, portanto, exige uma abordagem diferente.

No presente texto eu investigarei primeiramente o *déjà vu* à luz de estudos recentes de pesquisa empírica. A seguir, descreverei a experiência do *déjà vu* desde uma perspectiva fenomenológica. Tal ordem de apresentação vai permitir-me enfatizar como a fenomenologia pode lançar (nova) luz sobre esta complexa experiência.

II. O Fenômeno do *Déjà Vu* em Ciência Cognitiva

Estudos empíricos sugerem que 67% da população já experimentou o fenômeno do *déjà vu* pelo menos uma vez (Brown, 2004). De acordo com as estatísticas, esta é uma experiência comum, mas não acontece frequentemente: ocorre majoritariamente uma ou duas vezes por ano. Ela tende a ser particularmente frequente na juventude. Depois, sua frequência diminui gradualmente com o avanço da idade (Brown, 2004; Cleary, 2008; Brown e Marsh, 2010). A inclinação dominante na pesquisa contemporânea tende a tratar o *déjà vu* como uma experiência anormal, sem considerá-lo patológico. Isso não é um fato óbvio. Especialmente no final do século XIX, a corrente principal do campo psiquiátrico concebeu o *déjà vu* como um sintoma de distúrbio psicopatológico. Em particular, ele foi tratado como uma indicação de epilepsia. Não há quase nenhuma investigação sobre o *déjà vu* que não mencione a descrição desse fenômeno feita por Charles Dickens em *David Copperfield*. Nós continuamos essa tradição venerável:

³ Obviamente, a referência ao “depois” não nega o progresso contínuo da pesquisa científica. A posterioridade da filosofia é sempre relativa ao *status quo* da ciência – ela é sempre apenas provisória. (Blumenberg, 2006, p. 92).

⁴ Nas ciências cognitivas, é uma obviedade considerar o *déjà vu* meramente como um distúrbio de memória: “O *déjà vu* é fascinante para os pesquisadores estudarem por causa do que ele nos diz sobre o funcionamento da memória” (Jersakova, O’Connor, and Moulin, 2015, p. 138).



Todos nós temos alguma experiência do sentimento, que ocasionalmente nos acomete, de que o que estamos dizendo e fazendo já foi dito e feito antes, em um tempo remoto – de que estivemos cercados, há muito tempo, pelos mesmos rostos, objetos e circunstâncias – de que sabemos perfeitamente o que será dito em seguida, como se de repente nos lembrássemos disso. (Dickens, 1983, p. 630).

Vernon Neppe define o *déjà vu* como “qualquer impressão subjetivamente inapropriada de familiaridade de uma experiência presente, com um passado indefinido” (Neppe, 1983, p. 3). Esta definição fornece um critério para reconhecer o *déjà vu*: uma familiaridade injustificada com um passado indefinido.

Há diferentes explicações sobre o *déjà vu* nas ciências cognitivas. Brown e Marsh mostram em seu estudo informativo (2010) que há três abordagens principais para entender os mecanismos por trás da experiência do *déjà vu*: 1. uma explicação por meio da percepção dupla; 2. uma explicação neurológica; 3. uma explicação por meio da memória implícita. A seguir, esboçarei uma apresentação geral dessas três diferentes abordagens do *déjà vu*.⁵

II.a. Dupla Percepção

De acordo com o primeiro paradigma explicativo, só é possível compreender o *déjà vu* sob a condição de detectarmos a relação oculta entre dois atos intencionais.⁶ O primeiro ato acontece de forma tão fugaz que passa despercebido. Estamos cientes do segundo ato, mas este ato tem uma característica peculiar. Há um sentimento de estranha familiaridade nisso. O sentimento de familiaridade depende do primeiro olhar que não foi percebido (“registrado”) pela consciência. A sensação de familiaridade origina-se do primeiro “olhar negligenciado”. Quando se percebe o ambiente circundante, pensamos que o vemos pela primeira vez, mas não é o caso. Esta interpretação, que remonta ao início da década de 1910 (Angell, 1908), encontra expressão clara nas palavras de Titchener:

[V]ocê está prestes a atravessar uma rua movimentada e dá uma olhada rápida em ambas as direções para se certificar de que a passagem será segura. Agora, seu olhar é capturado, por um momento, pelo conteúdo da vitrine de uma loja; e você faz uma pausa, embora apenas por um momento, para examinar a vitrine antes de realmente atravessar a rua (...) [O] olhar preliminar para cima e para baixo, que normalmente se conecta com a travessia em uma única experiência atenta, está desarticulado da travessia; o olhar para a vitrine, por mais casual que tenha sido, foi capaz de interromper as tendências associativas. Ao atravessar, então, você pensa: “Por que eu atravessei essa rua agora mesmo?”; seu sistema nervoso separou duas fases de uma única experiência, ambas são familiares, e a última aparece como uma repetição da primeira. (Titchener, 1928, p. 187–88).

A ideia de Titchener serve como base conceitual para experimentos realizados em várias pesquisas desenvolvidas recentemente (Whittlesea, Jacoby e Girard, 1990; Bernstein e Welch, 1991; Gellatly, Banton e Woods, 1995; Joordens e Merikle, 1992; Brown e Marsh, 2009; 2010). A explicação da percepção dupla considera o *déjà vu* como um resultado de uma rápida sucessão de dois atos: O primeiro ato intencional ocorre sem nossa atenção. Um segundo ato segue com o estranho sentimento de familiaridade devido ao primeiro ato despercebido.

II.b. Explicação Neurológica

A segunda classe de explicação é de natureza neurológica. Não é de surpreender que esta seja a abordagem dominante, atualmente, para entender este fenômeno. Não pretendo investigar essa abordagem minuciosamente, pois tal tentativa exigiria um ensaio próprio. Limite-me a indicar sua configuração básica, colocando em destaque duas linhas significativas de pesquisa a esse respeito.

Por um lado, o *déjà vu* é interpretado como resultado de uma forte estimulação elétrica do lobo temporal, que ocorre espontaneamente sem qualquer relação com a percepção. Desta forma, este tipo de estimulação é de natureza endógena. A superestimulação de certas áreas cerebrais (principalmente no hipocampo, no giro parahipocampal e na amígdala) modifica as transmissões neuronais responsáveis pelos processos cognitivos ligados à memória, especialmente aqueles ligados ao senso de familiaridade. Deve-se lembrar aqui que foi possível gerar *déjà vu* por meio de uma intervenção intencional nas atividades neurais que ocorrem nas áreas do cérebro mencionadas acima em pacientes afetados pela epilepsia do lobo temporal. A estimulação regulada da amígdala e do hipocampo provocou as experiências de *déjà vu* (Bancaud et al., 1994; Halgren et al., 1978). Outro estudo realizado por Bartolomei *et al.* (2004) foi capaz de gerar uma experiência de *déjà vu* por meio da estimulação do córtex rinal em sete (de vinte e quatro) pacientes. Eles enfatizam a função do córtex entorrinal nesse processo.

Por outro lado, uma outra linha de pesquisa localiza a origem do *déjà vu* em uma alteração da velocidade de transmissão neuronal. Essa tese foi particularmente bem-sucedida no modelo de duas vias neurais, segun-

⁵ A fim de entender as diferentes explicações do *déjà vu* no campo das ciências cognitivas, também vale a pena mencionar um artigo recente: “What’s new in *déjà vu*?” (Jersakova, O’Connor e Moulin, 2015).

⁶ Para evitar qualquer mal-entendido: utilizo aqui a palavra “intencional” em um sentido fenomenológico.



do o qual a informação chega a um hemisfério antes do outro: “Normalmente, as informações perceptuais recebidas são transmitidas aos centros de processamento perceptual de ordem superior por meio de várias vias diferentes. À medida que essas mensagens convergem para as áreas corticais, elas não chegam exatamente no mesmo momento, mas nosso cérebro mescla automaticamente essas várias cópias da mesma experiência em um evento subjetivo singular. Entretanto, qualquer interrupção dessa sequência precisamente coordenada de mensagens neurais pode resultar na impressão de que a experiência foi duplicada” (Brown, 2004, p. 141). Nessa perspectiva, um atraso na informação perceptual recebida depende de uma alteração na velocidade da transmissão neuronal ao longo de duas vias diferentes. Esse atraso cria a impressão de *déjà vu*. Já em meados de 1800, Wigan formulou a hipótese de uma assincronia da transmissão neuronal nos dois hemisférios cerebrais: O *déjà vu* deve ser concebido como um resultado dessa assincronia (Wigan 1844; Jensen 1868; Myers 1895). Holmes descreve esse atraso nos seguintes termos: “Um dos hemisférios fica em chamas (...) e o pequeno intervalo entre as percepções da metade ágil e da metade lenta parece um período indefinidamente longo e, portanto, a segunda percepção parece ser a cópia de outra, sempre tão antiga” (Holmes, 1891, p. 74).

Como esperado, é possível encontrar na literatura científica muitas variações desta interpretação com base em uma alteração na velocidade de transmissão de informações perceptuais ao longo de vias neurais específicas. Diferentes subteorias trazem à tona fatores distintos para explicar o atraso. Algumas interpretações concentram-se em um distúrbio da comunicação inter-hemisférica. Humphrey, por exemplo, argumenta que a mesma informação vai diretamente para o hemisfério dominante e, ao mesmo tempo, percorre um caminho mais longo pelo hemisfério menos dominante, terminando com atraso no hemisfério dominante (Humphrey 1923). Este processo implicaria que a mesma informação chega ao cérebro duas vezes e, portanto, isso poderia explicar a sensação típica de duplicação inerente ao *déjà vu*. Efron sugere uma leitura diferente: O *déjà vu* depende da ocorrência de lesões no hemisfério menos dominante. O processo neural de informações torna-se mais lento devido a essas lesões (Efron, 1963). Outra leitura enfatiza o distúrbio na comunicação entre o sistema visual e os centros corticais. De acordo com os estudos de Goodale e Milner (1992), foi demonstrado que as informações sensoriais seguem dois caminhos diferentes entre os centros do córtex superior e o sistema visual:

Na maioria dos casos, a informação é recebida no lobo occipital, primeiro, pela via primária e, depois, pela via secundária. A mensagem da via secundária leva um pouco mais de tempo para chegar ao destino final, tendo passado por várias outras regiões corticais (por exemplo, o córtex parietal) [Weizkrantz, 1986]. Assim, a informação perceptual idêntica da via visual secundária normalmente chega momentos depois da recebida pela via primária. Uma vez que há um atraso na transmissão de duas mensagens neuronais, o cérebro tende a considerar a segunda informação como se fosse independente da anterior: como se ela constituísse uma experiência perceptual independente. (Brown, 2004, p. 143).

É digno de nota que essa explicação científica também pretende lançar luz sobre o significado da precogição que caracteriza, essencialmente, vários casos de *déjà vu*.⁷ A questão é se esses tipos de explicações podem ser exaustivos para os fenômenos de premonição que não envolvem um atraso de tempo mensurável em termos de milésimos de segundo. Na última parte deste artigo, veremos que alguns casos de *déjà vu* se enquadram nessa categoria.

II.c. *Déjà Vu* e Memória Implícita

A terceira classe de explicações entende o fenômeno do *déjà vu* como resultado de uma deficiência na memória implícita: O *déjà vu* sempre implica uma referência a experiências passadas, tendo analogias profundas com a situação atual. No entanto, essa experiência passada não é lembrada como tal. Dessa forma, o sentimento de familiaridade se deve a um lapso de memória. É possível que eu já tenha visto um lugar específico, mas tenha me esquecido de ter estado lá. Por exemplo, estou surpreso com a sensação de familiaridade relacionada a Versalhes. Esse sentimento é perturbador, quase misterioso. De repente, surge uma imagem, como um flash. Posso lembrar-me de ter estado lá quando era criança com meus pais.

A sobreposição entre a experiência esquecida no passado e a atual pode estar relacionada à situação geral (uma estação de trem) ou a uma parte específica do ambiente (o interior desse vagão em particular). Ou, também, pode se referir à *Gestalt* comum dos dois lugares. Talvez esta última possibilidade (ou seja, a referência a uma *Gestalt* comum) mereça uma análise mais detalhada. Vejamos um exemplo: Nunca havia estado no aeroporto de Turim. De repente, quando estou lá, fico impressionado com o sentimento de já ter visto esse aeroporto. De acordo com o paradigma explicativo da memória implícita, o sentimento de familiaridade depende da semelhança entre as circunstâncias atuais e minhas experiências passadas em que o mesmo cenário, a mesma distribuição/articulação do espaço, luzes de neon semelhantes (e assim por diante) estavam presentes.

Essa impressão se baseia no fato de eu ter estado muitas vezes em lugares semelhantes. Permita-me uma breve observação sobre esse aspecto. Se considerarmos essa interpretação como válida, devemos ter uma

⁷ “Esse atraso na transmissão da segunda mensagem neuronal pode explicar a sensação de precogição que, às vezes, acompanha a experiência do *déjà vu* (...). Se a pessoa prestar atenção à segunda mensagem, ou à mensagem atrasada, pode parecer que essa nova experiência é antiga, devido à correspondência com as informações anteriores recebidas momentos antes” (Brown, 2004, p. 143).



clara proliferação de *déjà vu* em nosso mundo contemporâneo. Nossa sociedade globalizada é certamente caracterizada pela reduplicação das mesmas estruturas e matrizes anônimas em diferentes contextos. Marc Augé introduziu a noção de não-lugares na terminologia dos estudos antropológicos para se referir a formas anônimas e homogêneas de espaço (Augé, 1992). Os não-lugares têm uma estrutura muito semelhante, se não idêntica, as mesmas cores, os mesmos materiais e assim por diante, cumprindo a mesma função. A proliferação desses não-lugares (no sentido de Marc Augé) deve ter como consequência o aumento da sensação de *déjà vu*, se esse paradigma explicativo estiver correto.

À luz desta interpretação, a familiaridade com a realidade virtual também poderia contribuir para a disseminação do *déjà vu*. Nesse sentido, é interessante considerar o seguinte caso relatado por Brown:

Um casal entra em um quarto de hotel e, tendo como pano de fundo uma música assustadora, o homem, moderadamente angustiado, diz: “Eu já estive neste quarto antes!”. Sua parceira, indiferente, responde: “O quê?”, ao que ele repete enfaticamente: “Já estive aqui antes!” A mulher rapidamente resolve a sua perplexidade lembrando-o de que “Você fez o tour virtual no Hotels.com”. Embora isso seja um grande alívio para o homem, ilustra a facilidade com que tais informações podem ser plantadas em nossa memória experiencial em um nível superficial e, posteriormente, conectadas com a situação real que está ocorrendo à nossa frente, causando estresse memorial momentâneo. (Brown, 2004, p. 43).

Em 2008, Brown e Marsh publicaram um artigo em que relatam um experimento interessante. Este experimento tem como objetivo estimular o fenômeno do *déjà vu*: diferentes fotos de diferentes campi universitários foram mostradas a vários alunos. Entre essas fotos, estavam incluídas não apenas faculdades que os alunos realmente visitaram, mas também fotografias de campi que eles nunca tinham visto pessoalmente. Depois de uma semana, os alunos tiveram de responder se já haviam estado nos lugares retratados nas fotos. A avaliação é feita em uma escala de 0 a 3: com 0, a pessoa exclui sua presença real no campus; com 1, indica a possibilidade de ter estado lá; com 2, indica a forte probabilidade de sua própria presença naquele lugar, enquanto 3 expressa a certeza de ter estado naquele campus. O experimento mostra resultados interessantes: os alunos acreditaram, em muitos casos, que haviam estado nos lugares que só tinham visto em fotos. A exposição a uma imagem cria uma confusão entre a consciência da imagem (algo que a pessoa só viu) e a experiência vivida (algo que a pessoa, na verdade, viveu pessoalmente). Esta confusão é particularmente verdadeira em situações comuns.

Pretendo contestar a validade dessa experimentação para entender o fenômeno do *déjà vu*. Esses experimentos são notáveis por capturarem uma questão central da memória. Eles mostram a confusão da modalidade dóxica em relação a dois atos intencionais diferentes ou, mais precisamente, em relação a duas presentificações: consciência de imagem e recordação. Esse experimento dá origem à questão fascinante sobre a capacidade real de a consciência do tempo interior reter a modalidade dóxica que habita as aparições de uma experiência passada. Eu estive lá pessoalmente? Eu apenas sonhei com isso? Eu vi um vídeo (ou uma foto) disso? Na primeira vez em que estive em Nova York, vários lugares eram estranhamente familiares para mim. Eu os tinha visto tantas vezes em filmes que tive a impressão de já conhecer uma parte não irrelevante da cidade. Esse experimento tem como objetivo criar uma situação equívoca que possa facilmente provocar o surgimento de falsas memórias. Nessa estrutura teórica, o *déjà vu* é considerado desde o início como um erro de memória – uma vaga impressão de ter vivenciado pessoalmente algo que não aconteceu realmente. É claro que ocorre aqui uma simplificação indevida do fenômeno. O *déjà vu* é vivenciado como invasivo porque está relacionado à singularidade de uma situação histórica (tal como uma conversa com um amigo querido em um lugar onde nunca se esteve). Eu vejo uma explicação duvidosa para o fenômeno ao reduzi-lo a uma ocorrência usual e inócua. O *déjà vu* não pode ser tratado simplesmente como uma falsa memória devido a um erro de atribuição baseado nas semelhanças entre a situação atual e a passada. As características específicas e marcantes do fenômeno, como sua estranheza e invasividade, são claramente negligenciadas.

A este respeito, gostaria de acrescentar um breve comentário sobre a dimensão afetiva do *déjà vu*, especialmente no que diz respeito ao sentimento de ansiedade. Tradicionalmente, o *déjà vu* é considerado uma experiência perturbadora. Como aponta Freud, ele pertence à classe dos fenômenos inquietantes [*uncanny*] (Freud, 1914). As palavras de Arlow expressam com precisão esta ideia difundida: “O componente afetivo do *déjà vu* é geralmente desagradável. (...) uma sensação desconcertante de que algo não está certo, uma sensação que frequentemente se funde com a sensação de ansiedade” (Arlow, 1959, p. 629). No seu estudo clássico, “La sensation du ‘*déjà-vu*’”, Grasset vai ainda mais longe, ao afirmar uma tese ainda mais radical: A ansiedade é um elemento constitutivo do *déjà vu*: “O que é, então, essencialmente, a sensação de *déjà vu* e a sua ansiedade? Pois o fenômeno não existe sem ansiedade – a ansiedade é parte integrante e necessária dele” (Grasset, 1904, p. 17).

Brown contesta essa afirmação: estudos estatísticos mostram que a maioria das experiências de *déjà vu* está ligada a estados de resposta emocional neutra, mesmo que não o seja a sentimentos positivos (Brown, 2004). Esse resultado não é surpreendente se os casos de falso reconhecimento forem considerados formas genuínas de *déjà vu*, como Brown (e Marsh) parecem supor em seus experimentos (Brown e Marsh, 2008; 2010). É evidente que a ansiedade não desempenha nenhum papel nessa forma de atribuição errônea. A natureza surpreendente do *déjà vu*, como veremos, não está ligada a um julgamento falso. Em vez disso, está



relacionada ao reviver perturbador da mesma cena em sua completude: estamos lidando com o fenômeno de estranhamento de uma repetição de uma experiência singular.

De acordo com Wittgenstein, as pessoas que insistem em fazer a pergunta “por quê?” a fim de detectar os mecanismos subjacentes dos processos são comparáveis aos turistas que, em frente à obra de arte, a perdem de vista ao ler todos os detalhes históricos mencionados em seu guia: no final, eles até se esquecem de levantar os olhos para o monumento. A mesma coisa acontece com a análise do *déjà vu*. Uma pesquisa unilateral focada na identificação dos mecanismos corre o risco de perder de vista a natureza do fenômeno ambíguo.

III. *Déjà Vu* como Anomalia da Consciência do Tempo

Minha pesquisa não tem como objetivo explicar a experiência do *déjà vu*, mas descrevê-la de modo fiel. Inicialmente, pretendo enfatizar o caráter específico do *déjà vu*, que é muito diferente de um erro de memória. As explicações nos campos das ciências cognitivas cometem, subsequentemente, um erro categórico. Não estamos lidando com uma semelhança genérica entre dois momentos no *déjà vu*. Em vez disso, experimentamos uma identidade numérica. Vamos considerar o exemplo de Bergson de assistir a uma peça de teatro, a fim de observar a diferença entre um erro de memória e o *déjà vu*:

Se estou assistindo a uma peça de teatro que já vi antes, reconheço uma a uma as palavras e cada uma das cenas; ao final, reconheço a peça inteira e me lembro de tê-la visto antes; mas eu tinha um assento diferente, outros vizinhos e estava ocupado com outras preocupações; de qualquer forma, eu não poderia ter sido naquela época o que sou hoje, já que vivi nesse meio tempo. Se, então, as duas imagens são as mesmas, elas não são apresentadas na mesma moldura, e a vaga sensação da diferença das molduras envolve, como uma franja, a consciência que tenho da identidade das imagens e me permite, a todo momento, distingui-las. No falso reconhecimento, ao contrário, as molduras são tão idênticas quanto as próprias imagens. Estou presente na mesma peça com as mesmas sensações, as mesmas preocupações, estou neste exato momento na mesma posição, na mesma data, no mesmo instante de minha história onde e quando eu estava. (Bergson, 1975, p. 174).

Uma investigação fenomenológica do *déjà vu* tem relevância filosófica, especialmente, por dois aspectos: por um lado, ela permite uma melhor compreensão da noção de consciência do tempo (a); por outro lado, pode ajudar-nos a compreender o atual processo de normalização em nossa sociedade tecnocrática. Nesse sentido, é interessante mostrar como duas lógicas diferentes de repetição, respectivamente nas ciências cognitivas e no *déjà vu*, vêm à tona (b).

III.a. *Déjà Vu* como Re-presentação (*Wiedergegenwärtigung*)

Antes de tudo, é apropriado introduzir uma distinção entre dois tipos diferentes de *déjà vu*. Essa distinção é ideal-típica; em muitos casos, não é fácil distinguir entre as duas formas em nossa experiência concreta.

O primeiro caso de *déjà vu* é o mais comum: um determinado ambiente, uma palavra ou um cheiro que desperta em nós a sensação de ter vivido aquela cena. Já experimentamos este momento. Podemos encontrar uma descrição perspicaz dessa experiência no romance russo *Oblomov*:

Há momentos raros e breves e oníricos em que um homem parece estar vivendo novamente algo pelo qual já passou antes, em um momento e lugar diferentes. Quer ele sonhe com o que está acontecendo diante dele agora, quer tenha vivido isso antes e esquecido, o fato é que ele vê as mesmas pessoas sentadas ao seu lado novamente e ouve palavras que já foram ditas uma vez: a imaginação é impotente para transportá-lo para lá novamente e a memória não revive o passado, apenas traz um humor reflexivo. A mesma coisa aconteceu com Oblomov agora. Uma quietude que ele havia experimentado em algum lugar antes desceu sobre ele; ele ouviu o tique-taque de um relógio familiar, o estalar de um fio cortado; as palavras familiares foram repetidas mais uma vez, e o sussurro: “Caro eu, simplesmente não consigo passar a linha na agulha: tente você, Masha, seus olhos são mais afiados!” (Gončarov, 2006, p. 399).

O *déjà vu* é visto aqui como um fenômeno de repetição de uma única experiência vivida. Essa repetição não depende nem da memória nem da imaginação. Husserl mostrou que a imaginação como presentificação é caracterizada pela modalidade doxical em termos de “como se” (Hua, XXIII). Quando imaginamos, estamos desvinculados dos eixos temporais do presente, passado e futuro – estamos orientados para a pura possibilidade –, ao passo que, na memória, estamos cientes de um evento que ocorreu na história de nosso passado individual e coletivo. O fenômeno do *déjà vu* é perturbador, pois estamos vivendo agora o que é experimentado como já conhecido exatamente da mesma maneira. Não conseguimos dar sentido a essa repetição, pois não somos capazes de identificar e localizar a cena original no horizonte passado: A cena atual é sentida como uma repetição de uma cena primária, mas esta permanece inalcançável, pois ela é idêntica à atual até nos mínimos detalhes. A cena primária “inatingível” não pode ser encontrada nem no horizonte da experiência passada nem no contexto da imaginação. Sentimos uma estranha sensação de retorno de um tempo que escapa ao nosso passado.



Essa primeira forma de *déjà vu* tem uma maneira específica de aparecer que não pode ser totalmente compreendida à luz da diferença fundamental feita por Husserl entre *Gegenwärtigung* (apresentação) e *Vergegenwärtigung* (presentificação). O *déjà vu* pode ser concebido como *Vergegenwärtigung*? Essa possibilidade é muito problemática, pois a *Vergegenwärtigung* sempre pressupõe uma cisão, uma lacuna entre a cena vivida pelo ego presentificador e a cena vivida pelo ego presentificado. Em todos os diferentes casos de presentificação (recordação, imaginação, empatia), há um distanciamento radical de nosso horizonte perceptual real. Nós nos projetamos em outra “situação experiencial” que é radicalmente diferente de nosso ambiente perceptual dado. Essa situação pode aparecer como passado (na recordação), como pura possibilidade em termos de “como se” (na imaginação) ou como futuro no caso da antecipação. A estrutura básica da divisão do ego em duas cenas radicalmente diferentes é comum a todos os diferentes atos intencionais que Husserl reconhece como presentificações. Seria então o *déjà vu* uma *Gegenwärtigung* (apresentação)?

Isso também deve ser excluído, uma vez que nenhuma divisão do ego ocorre na *Gegenwärtigung*. Na *Gegenwärtigung*, a vida intencional do ego está imersa na situação atual sem dupla consciência. Portanto, afirmo que o *déjà vu* escapa à distinção entre *Gegenwärtigung* e *Vergegenwärtigung*. O *déjà vu* é um fenômeno ambíguo de repetição que ocorre dentro do horizonte presente. Dessa forma, não é apropriado identificar esse fenômeno como *Vergegenwärtigung*. Em vez disso, lidamos aqui com uma *Wiedergegenwärtigung* paradoxal. Esse neologismo poderia ser traduzido para o inglês com o termo “re-presentation”. É importante aqui determinar com precisão o significado do prefixo “re”: Esse prefixo deve ser concebido como “de novo”: “uma nova apresentação”.

No *déjà vu*, sentimos uma situação presente como uma repetição de uma experiência que somos incapazes de localizar no passado. A análise de Bergson também é dominada pela pressuposição de que o sentimento do passado é muito forte no *déjà vu*. Será esse realmente o caso? Como veremos, há aqui um pressuposto metafísico em ação, segundo o qual a repetição *sempre* envolve uma referência ao passado. Em minha visão, esse pressuposto distorce a análise do *déjà vu*, pois ele negligencia a dimensão mais significativa envolvida: o futuro. Em outras palavras: Não podemos ser substituídos na primeira “cena primária” que pertence ao passado, uma vez que – se quisermos colocar isso de forma provocativa – a memória do passado não desempenha nenhum papel essencial no *déjà vu*. Isso ficará particularmente claro se considerarmos a segunda forma de *déjà vu*.

III.b. *Déjà Vu* como Antecipação do Presente

A segunda forma de *déjà vu* é a mais desconcertante. De acordo com as pesquisas de Gaynard (1992), 38% das experiências de *déjà vu* envolvem alguns momentos de precognição. Em muitos casos de *déjà vu*, a dimensão do futuro é a mais significativa. O aspecto da premonição é enfatizado nos exemplos mais citados na literatura sobre *déjà vu*, como *Guy Mannering*, de Walter Scott, ou em *David Copperfield*, de Charles Dickens. O grande psiquiatra Emil Kraepelin relata uma das experiências mais marcantes relacionadas a essa segunda forma de *déjà vu*. Essa experiência também foi citada e descrita de forma particularmente significativa por Ernst Bloch: “Emil Kraepelin, em seu sólido e confiável *Textbook of Psychiatry*, relata a experiência fantástica pela qual ele mesmo passou: durante uma expedição por uma região inexplorada do Peru, ele sentiu não apenas que já havia testemunhado toda a cena antes, mas soube no mesmo instante que uma ponte estava prestes a aparecer na curva da estrada. Esse conhecimento antecipado pareceu ter sido incluído no momento do *déjà vu* e, de fato, depois de passar pela curva da estrada, a ponte estava diante dele com todos os detalhes que ele havia previsto. Esses momentos ‘proféticos’ também ocorrem em casos menos exóticos de *déjà vu*, embora em uma forma menos claramente desenvolvida” (Bloch, 1998, p. 30; tradução ligeiramente alterada [pelo autor]). Por que essa experiência é tão intrigante? Kraepelin não teve uma vaga premonição da presença de “uma” ponte na curva da estrada, mas viu antecipadamente, a partir de uma perspectiva específica, a cena única que ele experimentaria iminentemente: *aquela* ponte *naquela* luz específica, *naquele* contexto específico etc. Kraepelin testemunhou uma repetição impossível do que é radicalmente contingente.

Outro caso interessante é relatado por Freud:

Uma mulher de 37 anos afirmou que se lembrava muito bem de que, aos 12 anos e meio de idade, ela fez sua primeira visita a alguns amigos da escola no interior e, ao entrar no jardim, teve imediatamente a sensação de já ter estado lá antes. Este sentimento repetiu-se quando ela percorreu as salas de estar, de modo que ela acreditava saber de antemão o tamanho do quarto seguinte, a vista que se podia ter ao olhar para fora dele etc. Mas a crença de que esse sentimento de reconhecimento poderia ter sua fonte em uma visita anterior à casa e ao jardim, talvez uma visita feita na primeira infância, foi absolutamente excluída e refutada pelas declarações de seus pais. (Freud 1914, p. 321-22).

O texto de Freud revela seu desinteresse pela descrição da experiência: “Este sentimento repetiu-se quando ela percorreu as salas de estar, de modo que ela acreditava saber de antemão o tamanho do quarto seguinte, a vista que se podia ter ao olhar para fora dele etc.” O “etc.” indica o caráter serial dessas impressões alteradas que, em suas formas de aparecimento, são insignificantes para a pesquisa psicanalítica. De fato, elas não são levadas a sério por Freud. Seu interesse no *déjà vu* está voltado exclusivamente para as economias



libidinais que motivam essas alterações: neste caso específico, elas se referem aos desejos de morte da jovem em relação ao irmão, como fica claro durante as sessões terapêuticas seguintes. Essas economias libidinais geram transtornos de memória. O *déjà vu* como distúrbio de memória é relevante apenas como sintoma de um conflito de forças libidinais no inconsciente.

Pelo contrário, o principal interesse de uma investigação fenomenológica está na descrição das vias de aparição dessa experiência peculiar: a tarefa é descrever fielmente o sentimento estranho e estranhado de ser capaz de antecipar uma situação presente única, o que é (e deveria ser) claramente impossível do ponto de vista do senso comum. Temos que lembrar aqui o princípio de todos os princípios da fenomenologia: “que toda intuição presentiva [*presentive intuition*] originária é uma fonte legitimadora da cognição, que tudo o que nos é oferecido originariamente (por assim dizer, em sua atualidade pessoal) na intuição deve ser aceito simplesmente como o que é apresentado como sendo, também dentro dos limites em que é apresentado” (Hua III.I, p. 44). Em outras palavras, é crucial fazer justiça ao modo de aparecimento dos fenômenos, tratando cada nova intuição ou nova impressão como uma fonte legítima de conhecimento e evitando simplificações indevidas. Portanto, a tarefa da fenomenologia é avaliar e determinar os limites de validade desses fenômenos.

Para isso, em minha opinião, é necessário ir contra o paradigma dominante que vê o *déjà vu* principalmente como um distúrbio de memória. O próprio Bergson, que foi capaz de desenvolver uma das interpretações mais sofisticadas do *déjà vu*, vê a anomalia do *déjà vu* como uma alteração da relação entre percepção e memória. Não posso aqui discutir criticamente sua posição por uma questão de espaço. Basta esboçar brevemente o ponto chave de sua análise do *déjà vu*: em condições normais, a experiência presente é, segundo ele, dividida em uma percepção real aberta para o que está por vir e uma memória do passado imediato. No *déjà vu*, temos uma consciência anormal dessa duplicação do presente duradouro. No *déjà vu*, voltamos nossa atenção para o que não é útil e, portanto, costuma ser sistematicamente ignorado. No *déjà vu*, o presente é vivenciado como um passado – daí o título do ensaio de Bergson “*A memória do presente*”. A forma da experiência é a da memória, enquanto o conteúdo pertence à dimensão do presente: “O que se está duplicando a cada momento na percepção e na memória é a totalidade do que estamos vendo, ouvindo e experimentando, tudo o que somos com tudo o que nos cerca. (...) Sentimos que somos confrontados com uma recordação: deve ser uma recordação, pois ela tem a marca característica dos estados que usualmente chamamos por este nome e que só aparecem quando seu objeto desapareceu. E, no entanto, ela não nos apresenta algo que foi, mas simplesmente algo que é; ela avança *pari passu* com a percepção que reproduz. É uma recordação do momento presente no próprio momento atual. É do passado em sua forma e do presente em sua matéria. É uma memória do presente” (Bergson, 1975, p. 167).

Em minha opinião, o *déjà vu* como um distúrbio não concerne principalmente à relação entre a memória e o presente. Ele diz respeito, antes, à relação entre as expectativas e o presente. A experiência do *déjà vu* é inquietante, pois o novo é experimentado, de uma maneira impossível, como se já fosse conhecido. É possível definir o que é novo como o limite diferencial e imprevisível entre o presente e o futuro. Husserl considera esse limite móvel, denominado “impressão primária”, como uma criação originária (Hua X, p. 105). No *déjà vu*, a irrupção da impressão primária é sentida como se já tivesse sido experimentada – como se a pessoa já soubesse a direção que as coisas tomarão. A impressão primária parece ser sempre já antiga aqui. A característica chave do *déjà vu* não é a familiaridade do presente com o passado, mas sim com o futuro iminente – com o que vem a seguir e que deve nos surpreender. Esse é o ponto crucial: A impressão primária é vivida como uma repetição do que não pode ser localizado no tempo passado, mas pode ser antecipado. Essas protensões não antecipam o estilo geral das aparições, mas se referem à situação concreta única. Não temos uma consciência de algo passado com o conteúdo presente, como Bergson supõe. Vivemos na antecipação de um futuro iminente que se sobrepõe parcialmente à percepção do conteúdo presente. Na terminologia de Husserl: Em formas específicas de *déjà vu*, vivenciamos a situação paradoxal de ter protensões *preenchidas* intuitivamente de modo parcial sem qualquer referência a retenções passadas.⁸ Walter Benjamin é um dos poucos autores que enfatizam o elo perdido com o futuro. Na verdade, ele descreve brilhantemente como o *déjà vu* implica uma referência ao futuro:

O efeito *déjà vu* tem sido descrito com frequência. Porém, eu me questiono se o termo foi realmente bem escolhido e se a metáfora apropriada para o processo não seria muito melhor se fosse tirada do reino da acústica. Deveríamos falar de eventos que chegam até nós como um eco despertado por um chamado, um som que parece ter sido ouvido em algum lugar na escuridão da vida no passado. Assim, se não estamos enganados, o choque com o qual os momentos entram na consciência como se já tivessem sido vividos geralmente nos atinge na forma de um som. É uma palavra, um toque ou um sussurro que é dotado do poder mágico de nos transportar para a tumba fria de muito tempo atrás, de cuja abóbada o presente parece retornar apenas como um eco. Mas será que a contrapartida dessa remoção em transe já foi investigada – o choque com o qual nos deparamos com um gesto ou uma palavra, da mesma forma que subitamente encontramos em nossa casa uma luva ou uma retícula esquecida? E assim como eles nos levam a supor que um estranho esteve lá, há palavras ou gestos dos quais inferimos esse estranho invisível, o futuro, que os deixou sob nossa guarda.⁹ (Benjamin, 2005, p. 634-35).

⁸ A conceitualidade de Husserl está mais bem equipada para compreender o fenômeno do *déjà vu*, pois introduz uma diferença crucial entre impressão primária e protensão.

⁹ A tradução em inglês omite um elemento importante com relação ao esquecimento do estranho [*stranger's forgetfulness*]. O gênero do estranho é claramente indicado: é “ela” (*die Fremde*). (Benjamin, 1985, p. 516).



O texto de Benjamin tem algo de gracioso e inspirado. E, ao mesmo tempo, é construído da mesma forma que um romance policial. A presença de uma luva sugere que alguém entrou na casa. Quem era esse estranho? A resposta é tão bizarra quanto fenomenologicamente correta: o futuro. O *déjà vu* é tratado como uma irrupção do futuro no presente. Essa irrupção tem um caráter francamente não intencional, como se o futuro tivesse tropeçado acidentalmente, ao acaso, na cena atual. Ele está no lugar errado, como uma luva esquecida. Na primeira parte dessa passagem, o *déjà vu* é descrito como um eco, como uma repetição que ressoa em nós sem ser pega *in flagrante delicto*. Evidentemente, Benjamin entende o choque do passado em termos da memória involuntária proustiana: o eco do choque domina o presente. Na segunda metade da passagem, Benjamin explora o distanciamento do eco com mais profundidade: de onde vem esse choque? Não do passado, mas do futuro. A repetição não se refere a nenhum passado, mas ao futuro.

IV. Duas Lógicas de Repetição

A estreita ligação entre um sentido ansioso de precognição e vários casos de *déjà vu* não pode ser negada. Essa relação também foi reconhecida no campo das ciências cognitivas, o que é claramente alheio a qualquer tendência parapsicológica. “Embora as interpretações parapsicológicas do *déjà vu* sejam problemáticas, um senso de precognição está associado a um número suficientemente grande de relatos de *déjà vu* que precisa ser claramente abordado, em vez de descartado. Várias perspectivas científicas podem desmistificar essa impressão subjetiva” (Brown, 2004, p. 189). Obviamente, a pesquisa científica tem a tarefa de encontrar regularidades e mecanismos subjacentes a essa impressão extravagante e conduzi-la de volta a uma ordem estável e previsível.

A pesquisa empírica sobre o *déjà vu* pode ser vista como um campo privilegiado para a compreensão do processo científico e tecnológico que tende à normalização da experiência, tanto quanto à padronização dos fenômenos. O estudo do *déjà vu* nos campos das ciências empíricas tem um significado antropológico eminente. De certa forma, é o posto avançado ou, ironicamente, poderíamos dizer, a vanguarda da tentativa de normalizar a experiência, eliminando qualquer forma de heterogeneidade e estranheza. Adorno e Horkheimer descrevem notavelmente esse processo nos seguintes termos: “Os seres humanos acreditam estar livres do medo quando não há mais nada desconhecido. Isso determinou o caminho da desmitologização, do iluminismo, que iguala o vivente ao não vivente, como o mito havia igualado o não vivente ao vivente. O iluminismo é o medo mítico radicalizado. A pura imanência do positivismo, seu produto final, ele nada mais é do que uma forma de tabu universal. Não se permite que nada permaneça do lado de fora, já que a mera ideia do ‘lado de fora’ é a verdadeira fonte do medo” (Adorno e Horkheimer, 2002, p. 74). De acordo com essa perspectiva, o processo de racionalização desenvolvido pelas ciências modernas continua o processo iniciado pelo mito para estabelecer uma ordem, uma regularidade que visa, ao mesmo tempo, domar a violência da realidade e superar a ansiedade ligada a ela. Há uma continuidade essencial do mito ao iluminismo: Ambas as características tendem a explicar cada ocorrência como uma repetição do mesmo, excluindo a possibilidade de algo radicalmente novo. Nesse horizonte, a relação entre as noções de possibilidade e impossibilidade é rigidamente regulada. Os seres humanos são condenados a um conformismo passivo com a realidade: “A abstração, o instrumento do iluminismo, mantém a mesma relação com seus objetos e com o destino, cujo conceito ela erradica: como liquidação. Sob a regra de nivelamento da abstração, que torna tudo na natureza repetível, e da indústria, para a qual a abstração preparou o caminho, os liberados finalmente se tornam o ‘rebanho [Trupp]’, que Hegel identificou como o resultado do esclarecimento” (Adorno e Horkheimer, 2002, p. 74). A ideia de uma normalização universal e niveladora de toda diferença tem consequências antropológicas, sociais e políticas inevitáveis. A pesquisa atual sobre o *déjà vu* pode ser considerada como uma nova (e extrema) fronteira para a tentativa de liquidar qualquer heterogeneidade radical do que é *inquietante [uncanny]*.

Em sua análise do *déjà vu*, Bergson questiona um princípio considerado óbvio, mas que se revela enganoso. Esse suposto básico afirma a anterioridade temporal da percepção em relação à memória. Esse pressuposto constitui a principal razão de vários falsos problemas relacionados à pesquisa sobre o *déjà vu*. O termo “falso problema” deve ser considerado como um termo técnico dentro da filosofia de Bergson. Este termo está relacionado ao status metodológico da intuição. Como Deleuze mostra em seu notável texto *Bergsonismo*, a criação de problemas (reais) sempre pressupõe a identificação de premissas questionáveis tomadas como certas. A possibilidade de aderir a problemas verdadeiros (e assim criá-los) está ligada à capacidade de detectar as premissas falsas dos problemas transmitidos pela tradição. Somente a descoberta de diferenças enraizadas nas coisas “elas mesmas” nos permite evitar esses falsos problemas dos quais inevitavelmente resultam soluções falsas. A meu ver, a análise da experiência do *déjà vu* mostra um tipo diferente de suposição que compromete a compreensão do fenômeno identificado por Bergson: de acordo com o senso comum e com a nossa tradição metafísica, há uma conexão necessária entre repetição e memória. A repetição implica uma referência ao passado. No entanto, o *déjà vu* mostra uma forma diferente de repetição em que a memória do passado não desempenha nenhum papel primordial. O *déjà vu* é um exemplo paradigmático da ideia de repetição em Deleuze, que exclui qualquer intercambialidade baseada em relações de semelhança. Nessa forma de repetição, não há similaridade entre os termos das relações. Ao contrário, a singularidade dos termos individuais torna-se aparente da mesma forma que no caso de um *Doppelgänger*: “A repetição como conduta e como ponto



de vista diz respeito a singularidades não-intercambiáveis e não-substituíveis. Reflexões, ecos, duplos e almas não pertencem ao domínio da semelhança ou da equivalência” (Deleuze, 1994, p. 1). A repetição implica uma relação com o que é único e singular. Por essa razão, a noção de repetição não precisa ser entendida em termos de regularidades, leis ou regras. Em vez disso, ela deve ser concebida como uma transgressão da regra, como a irrupção de algo extraordinário. O *déjà vu* é um exemplo perfeito do milagre de uma repetição, no sentido de Deleuze. Nos estudos do *déjà vu* dentro das ciências cognitivas, a tensão entre a singularidade da história humana irrepitível (a inacreditável impossibilidade de repetição de algo radicalmente novo) e a pesquisa científica voltada para a repetição do caráter geral e semelhante da experiência torna-se evidente no mais alto grau. Para usar a terminologia de Deleuze, a ciência move-se de acordo com o regime de generalidade que opera com a ordem qualitativa das similaridades e a ordem quantitativa das equivalências. Ao contrário, o *déjà vu* é um caso extremo de repetição do irrepitível – uma repetição paradoxal do radicalmente novo.

Por fim, voltemos à questão inicial abordada nas considerações preliminares do presente artigo sobre a natureza da filosofia contemporânea, enfatizando como uma fenomenologia do *déjà vu* está em ressonância com as formas dominantes de se fazer filosofia atualmente em três aspectos diferentes:

1. A filosofia não se origina de uma boa vontade ou de questões metodológicas. Ela origina-se de um encontro com algo estranho que afeta e desestabiliza a subjetividade. O que Deleuze escreveu sobre a noção de verdade em Proust também é válido para a filosofia atual: “A verdade depende de um encontro com algo que nos força a pensar e a buscar a verdade. O acidente dos encontros e a pressão das restrições são os dois temas fundamentais de Proust. (...) É o acidente do encontro que garante a necessidade do que é pensado” (Deleuze, 2000, p. 16).

2. Como Adorno mostra em sua *Dialética Negativa*, a filosofia contemporânea não aborda diretamente os principais temas tradicionais da metafísica. Em vez disso, ela encontra acesso a questões fundamentais apenas de forma indireta, concentrando-se em fenômenos marginais: “A filosofia tem, neste momento histórico, seu verdadeiro interesse naquilo que Hegel, de acordo com a tradição, proclamou seu desinteresse: no não-conceitual, no individual e no particular; naquilo que, desde Platão, tem sido descartado como transitório e inconsequente e que Hegel carimbou com o rótulo de existência preguiçosa. Seu tema seriam as qualidades que foram degradadas ao meramente contingente, à *quantité négligeable*” (Adorno, 1973, p. 21).

3. Kurt Goldstein, Georges Canguilhem e Michel Foucault mostraram claramente (de diferentes maneiras) em suas pesquisas, que podemos investigar, de forma sistemática, a normalidade por meio da anomalia: a vida saudável é silenciosa. “As normas são reconhecidas como tais quando são quebradas. As funções são reveladas apenas quando falham” (Canguilhem, 1991, p. 208). Há uma interdependência entre normalidade e anomalia, mas uma primazia da última. Ao contrastar o senso comum implícito com a sua transformação em anomalias, podemos reconstituir dimensões fundamentais e implícitas que, de outra forma, permaneceriam ocultas em relação à análise antropológica.

Minha pesquisa sobre *déjà vu* está alinhada com essas tendências que, de forma mais ou menos explícita, marcam e atravessam o pensamento contemporâneo.

Referências

- Adorno, Theodor. 1973. *Negative Dialectics*. Translated by E. B. Ashton. New York: Seabury Press.
- Adorno, Theodor, and Max Horkheimer. 2002. *Dialectic of Enlightenment*. Translated by Edmund Jephcott. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Angell, James Rowland. 1908. *Psychology*. New York: Henry Holt.
- Arlow, Jacon A. 1959. “The Structure of the *déjà vu* Experience.” *Journal of the American Psychoanalytic Association* 7: 611–63.
- Augé, Marc. 1992. *Non-Places: An Introduction to Anthropology of Supermodernity*. Paris: Le Seuil.
- Bancaud, J., F. Brunet-Bourgin, P. Chauvel, and E. Halgren. 1994. “Anatomical Origin of *déjà vu* and Vivid ‘Memories’ in Human Temporal Lobe Epilepsy.” *Brain* 117: 71–90.
- Bartolomei, F., E. Barbeau, M. Gavaret, M. Guye, A. McGonigal, J. Régis, and P. Chauvel. 2004. “Cortical Stimulation Study of the Role of Rhinal Cortex in *déjà vu* and Reminiscence of Memories.” *Neurology* 63: 858–64.
- Benjamin, Walter. 1985. *Gesammelte Schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Benjamin, Walter. 2005. *Selected Writings, vol. 2, part 2, 1931–1934*. Edited by Michael W. Jennings, Howard Eiland, and Gary Smith. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bergson, Henri. 1975. “Memory of the Present and False Recognition.” In *Mind-Energy*, 134–85. Westport: Greenwood Press.



- Bernard-Leroy, Eugène. 1898. *L'illusion de fausse reconnaissance*. Alcan: Paris.
- Bernstein, Ira H., and Kenneth R. Welch. 1991. "Awareness, False Recognition, and the Jacoby-Whitehouse Effect." *Journal of Experimental Psychology: General* 120: 324–28.
- Bloch, Ernst. 1998. *Literary Essays*. Translated by Andrew Joron et al. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Blumenberg, Hans. 2006. *Beschreibung des Menschen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Brown, Alan S. 2004. *The Déjà Vu Experience*. New York: Psychology Press.
- Brown, Alan S., and Elizabeth J. Marsh. 2008. "Evoking False Beliefs about Autobiographical Experience." *Psychonomic Bulletin & Review* 15: 186–90.
- Brown, Alan S., and Elizabeth J. Marsh. 2009. "Creating Illusions of Past Encounter through Brief Exposure." *Psychological Science* 20: 534–38.
- Brown, Alan S., and Elizabeth J. Marsh. 2010. "Digging Into Déjà Vu." *The Psychology of Learning and Motivation* 53: 33–62.
- Canguilhem, George. 1991. *The Normal and the Pathological*. New York: Zone Books.
- Cleary, Anne M. 2008. "Recognition Memory, Familiarity, and déjà vu Experiences." *Current Directions in Psychological Science* 17: 353–57.
- Deleuze, Gilles. 1988. *Bergsonism*. Translated by Hugh Tomlinson and Barbara Habberjam. Cambridge: MIT Press.
- Deleuze, Gilles. 1994. *Difference and Repetition*. Translated by Paul Patton. New York: Columbia University Press.
- Deleuze, Gilles. 2000. *Proust and Signs: The Complete Text*. Translated by Richard Howard. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Deleuze, Gilles and Felix Guattari. 1994. *What Is Philosophy?* Translated by Hugh Tomlinson and Graham Burchell. New York: Columbia University Press.
- Dickens, Charles. 1883. *David Copperfield*. London: Harmondsworth.
- Dugas, Ludovic. 1894. "Sur la fausse mémoire." *Revue philosophique* 37: 34–35.
- Efron, Robert. 1963. "Temporal Perception, Aphasia, and déjà vu." *Brain* 86: 403–24.
- Findler, Nicholas V. 1998. "A Model-Based Theory for déjà vu and Related Psychological Phenomena." *Computers in Human Behavior* 14: 287–301.
- Fleminger, Simon. 1991. "The déjà vu Experience: Remembrance of Things Past?; Comment." *American Journal of Psychiatry* 148: 1418–19.
- Fouillée, Albert. 1885. "La mémoire et la reconnaissance des souvenirs." *Revue des Deux Mondes* 50: 131–62.
- Freud, Sigmund. 1914. *Psychopathology of Everyday Life*. Translated by A. A. Brill. New York: The Macmillan Company.
- Gaynard, T. J. 1992. "Young People and the Paranormal." *Journal of the Society for Psychical Research* 58: 165–80.
- Gellatly, Angus, Peter Banton, and Chris Woods. 1995. "Salience and Awareness in the Jacoby-Whitehouse Effect." *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition* 21: 1374–79.
- Gončarov, Ivan A. 2006. *Oblomov*. New York: Bunim & Bannigan.
- Goodale, M. A., and A. D. Milner. 1992. "Separate Visual Pathways for Perception and Action." *Trends in Neuroscience* 15: 20–25.
- Grasset, Joseph. 1904. "La sensation du 'déjà-vu.'" *Journal de psychologie normale et pathologique* 1: 17–22.
- Halgren, Eric, Richard D. Walter, Diana G. Cherlow, and Paul H. Crandall. 1978. "Mental Phenomena Evoked by Electrical Stimulation of the Human Hippocampal Formation and Amygdala." *Brain* 101: 83–117.



- Holmes, Oliver W. 1891. *The Autocrat of the Breakfast Table*. Boston: Houghton Mifflin.
- Humphrey, George. 1923. *The Story of Man's Mind*. Boston: Small, Maynard, & Co.
- Husserl, Edmund. 1969. (Hua X): *Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins (1893–1917)*. The Hague: Martinus Nijhoff.; 1991. *On the Phenomenology of the Consciousness of Internal Time (1893–1917)*. Translated by John Brough. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Husserl, Edmund. 1976. *Husserliana* (Hua III.I): *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. The Hague: Martinus Nijhoff.; 1980. *Ideas Pertaining to a Pure Phenomenology and to a Phenomenological Philosophy*. Translated by F. Kersten. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher.
- Husserl, Edmund. 1980. (Hua XXIII): *Phantasie, Bildbewusstsein, Erinnerung. Zur Phänomenologie der anschaulichen Vergegenwärtigungen. Texte aus dem Nachlass (1898–1925)*. The Hague: Martinus Nijhoff.; 2005. *Phantasy, Image Consciousness, and Memory (1898–1925)*. Translated by John Brough. Dordrecht: Springer.
- James, William. 1890. *The Principles of Psychology*. New York: Henry Holt.
- Janet, Pierre. 1905. "A propos du déjà vu." *Journal de psychologie* 2: 289–307.
- Janet, Pierre. 2005. *Les obsessions et la psychasthénie*. Paris: L'Harmattan.
- Jensen, J. 1868. "Über Doppelwahrnehmungen in der gesunden, wie in der kranken Psyche." *Allgemeine Zeitschrift für Psychiatrie* 25: 48–63.
- Jersakova, Radka, Akira O'Connor, and Chris Moulin. 2015. "What's New in déjà vu?" In *Culture and Cognition: A Collection of Critical Essays*, edited by Haque Shamsul and Sheppard Elizabeth, 137–50. Bern: Peter Lang.
- Joordens, Steve, and Philip M. Merikle. 1992. "False Recognition and Perception without Awareness." *Memory and Cognition* 20: 151–59.
- Kindberg, Leon. 1903. "Le sentiment du déjà-vu et l'illusion de fausse reconnaissance." *Revue de psychiatrie* 7: 139–66.
- Kuhn, Thomas S. 1962. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lalande, André. 1893. "Des paramnésies." *Revue philosophique* 36: 485–97.
- Lemaître, A. 1903. "Des phénomènes de paramnésie." *Archives de psychologie* 1: 101–10.
- Marquard, Odo. 1981. *Abschied vom Prinzipiellen*. Stuttgart: Reclam.
- Myers, Frederic W. H. 1895. "The Subliminal Self." *Proceedings of the Society for Psychical Research* 11: 334–407.
- Neppe, Vernon M. 1983. "The Concept of déjà vu." *Parapsychological Journal of South Africa* 4(1): 1–10.
- Poetzl, Otto. 1926. "Zur Metaphychologie des 'déjà vu.'" *Imago* 12: 393–402.
- Poetzl, Otto. (1917) 1960. "The Relationship Between Experimentally Induced Dream Images and Indirect Vision." *Psychological Issues* 2(3): 46–106.
- Reed, Graham. 1974. *The Psychology of Anomalous Experience*. Boston: Houghton Mifflin.
- Scott, Walter. 1838. *Memoirs of the Life of Sir Walter Scott*, vol. 4. Paris: Baudry European Library.
- Titchener, Edward Bradford. 1928. *A Text-Book of Psychology*. New York: Macmillan.
- Weizkrantz, Lawrence. 1986. *Blindsight: A Case Study and Implications*. Oxford: Oxford University Press.
- Whittlesea, Bruce W. A., Larry L. Jacoby, and Krista Girard. 1990. "Illusions of Immediate Memory: Evidence of an Attributional Basis for Feelings of Familiarity and Perceptual Quality." *Journal of Memory and Language* 29: 716–32.
- Wigan, Arthur L. 1844. *The Duality of the Mind*. London: Longman, Brown, & Green.